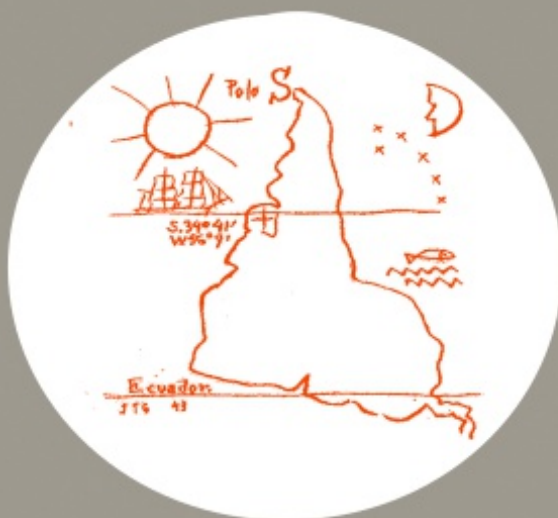


TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA

ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Volume Especial, Vol. 8, N. 3, Set.-Dez. 2025
ISSN 2184-38052

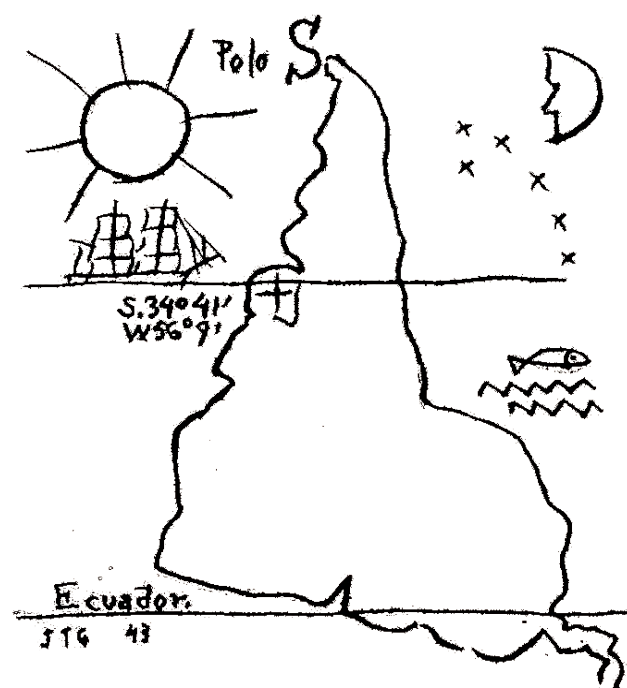
Debates entre Sociologia e História da Arte

América do Sul e Caribe em perspectiva



Organização

**Sabrina Parracho Sant'Anna
Maria Lúcia Bueno
Marcelo Ribeiro Vasconcelos**



DEBATES ENTRE SOCIOLOGIA E HISTÓRIA DA ARTE – -BRASIL, AMÉRICA DO SUL E CARIBE EM PERSPECTIVA

DEBATES BETWEEN SOCIOLOGY AND ART HISTORY – -BRAZIL, SOUTH AMERICA, AND THE CARIBBEAN IN PERSPECTIVE

DÉBATS ENTRE SOCIOLOGIE ET HISTOIRE DE L'ART – LE BRÉSIL, L'AMÉRIQUE DU SUD ET LES CARAÏBES EN PERSPECTIVE

DEBATES ENTRE LA SOCIOLOGÍA Y LA HISTORIA DEL ARTE: BRASIL, SUDAMÉRICA Y EL CARIBE EN PERSPECTIVA

Sabrina Parracho Sant'anna

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Lucia Bueno

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Marcelo Ribeiro Vasconcelos

Universidade Federal de Juiz de Fora e Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, Brasil

A presente Edição Especial dá continuidade ao número “Debates entre Sociologia e História Da Arte - América do Sul e Brasil em Perspectiva”, publicado em 2024 no volume 7, n.º 3, de Todas as Artes - Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura. Naquele volume, a edição organizada reunia parte das comunicações apresentadas em seminário homônimo, organizado nos dias 6 e 7 de junho de 2024, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, Brasil. A partir de perspectiva interdisciplinar, o seminário procurava articular as contribuições da Sociologia e da História da Arte para refletir sobre a produção, recepção e instituições de Arte, levando em consideração o caráter multidimensional dos fenômenos culturais. Além disso, tendo em conta o crescente lugar da geopolítica no mundo contemporâneo, os debates procuravam refletir sobre as peculiaridades da região, a partir dos processos de mundialização de que a arte é também protagonista.

Se, por um lado a história social da arte aponta para a importância da compreensão dos nexos causais entre passado e futuro, permitindo também rever interpretações correntes a partir de questões colocadas pelo tempo presente, a perspectiva sociológica permite compreender fenômenos sociais a partir de processos sistêmicos ampliados, renovando

[2]

debates, num contexto em que as Ciências Sociais ganham crescente relevância para a compreensão de um mundo em processo de mudanças sociais cada vez mais aceleradas. A articulação entre diferentes modos de produção do conhecimento foi, portanto, o eixo fundamental para compreender a arte numa perspectiva transnacional dessa região, que enfrenta os desafios de reconfigurações das correlações de poder em escala global. O objetivo do seminário e dos dois volumes foi, assim, construir interlocução entre os diversos grupos de pesquisa sobre o campo das artes na América do Sul, buscando construir caminhos para o avanço do conhecimento na área.

Conforme já discutimos anteriormente, tanto a delimitação do espaço geográfico da América do Sul, como categorias como Sul Global, América Latina ou Caribe são delimitações arbitrárias que procuram agregar fluxos mundiais de informações, mercadorias e pessoas. Conforme já discutiram João Feres Júnior e Walter Mignolo, o termo América Latina, por exemplo, se constrói a partir do poema *Las dos Américas* (1856) de José Maria Torres de Caicedo, se difundindo para a forma inglesa a partir de fins do século XIX. Construído por oposição à América anglo-saxã, a latinidade se apresenta como alteridade e muitas vezes se constitui a partir de interesses geopolíticos que passam a conformar uma identidade “definida como primitiva, tradicional, atrasada ou subdesenvolvida” (Júnior, 2004: 69).

Atribuída de fora, a categoria se impõe ora como estigma, ora como estratégia de reelaboração da identidade imposta. De fato, se são interesses geopolíticos que dão unidade ao território, outros agenciamentos da categoria resultam como consequências imprevistas da ação. Debates clássicos que vão de Richard Morse a Roberto Fernandez Retamar também procuraram definir identidades regionais a partir da reinterpretação dessa oposição. Conforme discutiu Miglievitch (2011), por exemplo, o trânsito entre intelectuais exilados nas ditaduras militares da segunda metade do século XX foi fundamental para reforçar o sentido de pertencimento e estranhamento que habita a região. Historicamente, em momentos de tensionamento global, a posição geográfica da região recebe especial atenção, se torna alvo de disputas e seus efeitos muitas vezes constituem vínculos inesperados.

De fato, neste exato momento, enquanto aguardamos em expectativa o desfecho de tropas estrangeiras estacionadas no mar do Caribe, nos telejornais nacionais e internacionais ouvimos mais uma vez referências a um “hemisfério comum”. As acusações de narcoterrorismo, que justificam interferências externas, se imiscuem no discurso de atores políticos localizados, oriundos dos mais diferentes espectros políticos e prontos a capitalizar a instabilidade de governos locais. Seria ocioso lembrar toda a recente vaga de injunções geopolíticas que voltam a colocar os diferentes governos locais sob a ameaça de interferência organizada em redes sociais ou através de novos golpes judiciais. Neste preciso momento, enquanto escrevemos, sucessivos e vagos protestos são organizados por redes sociais e mobilizam uma suposta geração Z contra o governo de Claudia Sheinbaum no México, o Peru assiste à intensificação da instabilidade política após a queda de sua sexta presidente no período de sete anos, em Honduras, Xiomara Castro acusa o golpe e o Chile acompanha em suas eleições presidenciais a ascensão de novos líderes populistas à direita, ecoando as campanhas infladas à custa de mobilizações digitais em todo o continente.

Do ponto de vista da arte, é verdade que a ideia de arte latino-americana também é cunhada como classificação externa aos países que são objeto dessa terminologia. De fato, muitas vezes a identidade regional se deve ao interesse de centros hegemônicos movidos pela “necessidade de alimentar um mercado de arte em expansão e em busca de novos produtos

a comercializar em circuito dilatado, cada vez mais empenhado em otimizar a circulação de obras e exposições” (Couto, 2012: 99). Conforme mostrou Maria Lucia Bueno, a formação de coleções em museus norte-americanos foi fundamental para a difusão da categoria geográfica. Ao transformar o particular em universal, tais instituições foram alguns dos principais agentes de reinvenção de uma tradição artística global nos últimos anos (Bueno, 2024). Assim, como também chamou a atenção Maria de Fátima Morethy Couto recentemente, a noção de “arte latino-americana” foi também uma “noção de caráter identitário” que muitas vezes escamotava a diversidade da produção daqueles que nasceram na região (2023: 11). No entanto, conforme já discutiram Sabrina Parracho e Marcelo Ribeiro (2021), consequência imprevista desses processos, a reelaboração da experiência permitiu por vezes a criação de vínculos que, muitas vezes, subverteram o sentido esperado da integração regional, como se deu na relação de Pedrosa com intelectuais chilenos em seu período de exílio. Desse modo, a seleção dos artigos procura evitar a imposição da categoria como unidade fechada.

Assim, no primeiro volume destas duas edições especiais, a definição do escopo se deu a partir da seleção de uma série de seis artigos produzidos por pesquisadoras brasileiras que orientaram sua reflexão para a compreensão de seus objetos de estudo a partir da articulação dos fluxos transnacionais ou regionais. Participaram daquele número Maraliz Christo, Maria Izabel Branco Ribeiro, Ilana Goldstein e Vitória Oliveira Machado, Glaucia Villas Bôas, Fernanda Pequeno e Renata Proença. Os primeiros três artigos apresentavam debates a partir de três coleções pertencentes a diferentes museus e os três últimos se debruçavam sobre atuação de artistas contemporâneos brasileiros, com foco em suas relações com as instituições e em seus posicionamentos diante dos espectadores

Se no primeiro volume foi dada especial atenção a instituições e artistas brasileiros, o atual volume, está especialmente focado em entender os diferentes contextos nacionais e sua relação com fluxos globais do mercado de arte e de ideias circulantes. Nesse sentido, os textos aqui reunidos se debruçam sobre a arte a partir da relação entre produção, instituições locais e processos de internacionalização ampliados.

No primeiro artigo, Marisa Baldasarre se dedica a investigar a paisagem urbana e cultural de Buenos Aires na transição do século XIX ao XX, estabelecendo vínculos entre pesquisas sobre coleções de arte e coleções de vestuário. Conformando relações entre uma cultura visual e uma cultura do vestir, a perspectiva da autora permite “questionar o conceito de autonomia ao mesmo tempo que amplia o objeto de estudo produzindo uma desestabilização das hierarquias consagradas e uma discussão sobre categorias de análise tradicionais, sem anular as diferenças entre os distintos sistemas de visualidade”. Aproximando as coleções de artes e vestimentas, Baldasarre reflete sobre a construção de imagens da cidade a partir do trânsito transnacional de modelos de modernidade visual, mas também salienta as distinções entre os dois registros, chamando a atenção, no caso da arte, para debates sobre quais deveriam ser as características distintivas de uma arte argentina.

David Castañer, por sua vez, discute o trânsito entre Europa e América, a partir da obra de Wilfredo Lam. Tematizando o retorno do artista a seu país natal, Castañer recorre a debates contemporâneos para analisar as reformulações da obra do artista a partir da reflexão sobre natureza e cultura e a relação entre humanos e não-humanos. Como argumenta o autor, o deslocamento geográfico do artista implica também uma transformação nas condições materiais de produção de sua obra. A mudança do ateliê parisiense para a casa ajardinada

em Havana e a reelaboração da experiência que daí advém permite conceber a obra do artista a partir de perspectiva ecológica que, mesmo que não oblitere interpretações canônicas sobre a obra do artista, possibilita adensar as interpretações centradas na valorização da mestiçagem e da crítica colonial. A interrelação entre os dois pontos de vista oferece perspectiva que entrelaça a crítica ao projeto moderno ao debate geopolítico contemporâneo.

O artigo de Marcelo Ribeiro Vasconcelos avança no século XX e retoma a questão sobre a relação entre fluxos transnacionais e reflexões locais a partir da institucionalização da crítica de arte no Brasil. Tomando como objeto a participação brasileira nos dois primeiros congressos da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e a repercussão na imprensa, o autor analisa como a constituição de uma crítica de arte profissional no Brasil se estruturou a partir de modelos internacionais que legitimavam discursos especializados e impessoais. A inserção institucional na AICA não apenas consolidou uma concepção de crítica de arte como prática mediadora entre o público e artistas, ao privilegiar uma linguagem estética supostamente livre de vieses políticos, mas também atualizou os debates locais a partir das discussões veiculadas nos encontros anuais da associação. A ênfase no caso de Antônio Bento se justifica tanto pelas estratégias de consagração mobilizadas em sua coluna no *Diário Carioca* quanto pelo diálogo que estabeleceu com os críticos estrangeiros acerca da arte abstrata, evidenciando como seu pertencimento a círculos internacionais repercutiu em significativas reformulações conceituais.

Renata Zago, ao debater a crise do modelo das Bienais de São Paulo nos anos 1970, aponta para tensionamentos dos padrões internacionalistas, chamando a atenção para as contradições entre global e local. Se se nesse período o mundo foi marcado por movimentos de independências coloniais na África, ascensão do autoritarismo no continente e crítica à neutralidade de exposições universalistas, a especificidade da crise da Bienal de São Paulo se desdobrou, conforme argumenta Zago, em três diferentes esferas: institucional, artística e política. A elaboração desses diferentes pontos de tensionamento resultou na “problematização das relações entre centro e periferia, inserindo-se em um movimento cultural mais amplo do que suas intenções imediatas”.

O artigo de Viviana Usubiaga, ao se dedicar à história recente do mercado de arte na Argentina, também reflete sobre as consequências imprevistas de processos ampliados, refletindo sobre o papel do financiamento público – e sua ausência – sobre experiências que moldam o mercado de arte argentino contemporâneo. Levando em consideração o papel fundamental da construção de valor no sustento dos artistas, Usubiaga discute aspectos importantes do agenciamento de vias alternativas para a criação de ativos econômicos, mas também experiências compartilhadas. Se por um lado, a diversificação do mercado de trabalho artístico não é novidade no Brasil (Bueno, 2016), Usubiaga lança luz sobre dimensões importantes dessa experiência no fazer artístico, chamando a atenção tanto para a crítica que emerge tematizada nos trabalhos, como para arranjos alternativos de comunidades criativas de caráter contracultural. A relação entre arte e mercado é, portanto, evidenciada na formação de vínculos de sociabilidade entre artistas, mas também nas obras que constroem.

No capítulo “Proyecto LAB_Museos: desafíos institucionales, discursivos y Profesionales”, Raiza Cavalcante e Marisol Facuse procuram mapear a proliferação de debates suscitados no campo dos museus, no contexto do processo de longo termo levado a cabo através do Comitê de Redefinição de Museus do ICOM. O artigo retoma com propriedade as discussões

suscitadas no âmbito da UNESCO desde a segunda metade do século XX. Como argumentam as autoras, a crítica às instituições museais que resultou na Carta de Santiago, no conceito de ecomuseus de Hugues de Varine e na democratização dos lugares de memória foi retomada mais recentemente no Comitê de Redefinição de Museus do ICOM em 2016, tendo efeitos concretos sobre as instituições museais no Chile. O projeto de pesquisa apresentado no artigo se apoiou em processos de diagnóstico e co-criação que buscaram gerar processos de reflexão e autorreflexão institucional no período de 2020 a 2021. A partir dos casos específicos do Museo Nacional de Bellas Artes (MNBA) e do Centro Nacional de Arte Contemporâneo (CNCA), o artigo lança luz sobre a relação entre debates formados em organismos internacionais e situações concretas locais, chamando a atenção para o modo como os marcos de valores organizacionais se materializaram institucionalmente através de programas e ações concretas em cada um dos casos em tela.

Finalmente, o artigo de Guilherme Marcondes fecha o dossiê com análise da exposição “Afro-brasilidade: uma homenagem a dois Valentins e a um Emanuel” (2025), projeto da FGV Arte. A análise da exposição lança luz sobre processos de crítica institucional que coloca no centro do debate as reiteradas reivindicações pelo direito ao reconhecimento de artistas negros(as/es). Relacionando o processo a debates crescentes na esfera pública da sociedade brasileira, mas também às discussões sobre reconhecimento em âmbito internacional, o autor recorre ao instrumental sociológico de Guerreiro Ramos para refletir sobre a especificidade da realidade local no tensionamento com categorias analíticas universalizantes. Se, conforme argumenta Marcondes, o passado colonial brasileiro deixou marcas profundas que fomentam um racismo à brasileira, baseando-se no mito de que o país seria mais aberto ao contato racial de diferentes grupos, as discussões recentes na arte contemporânea lançam luz sobre processos de longa duração e permitem reconectar vínculos entre passado e futuro. Ao analisar o caso da exposição curada por João Victor Guimarães e Paulo Herkenhoff, Marcondes debate as possibilidades abertas pela arte contemporânea brasileira e lança luz sobre importantes debates para a Sociologia da Arte no país.

O presente dossiê apresenta, portanto, perspectivas variadas sobre a produção de arte no continente. Passado um ano dos intensos debates que resultaram do seminário no Museu de Arte Murilo Mendes, em Juiz de Fora, a publicação deste segundo volume se faz ainda mais pertinente. Os meses passados apenas reforçaram a importância geopolítica da região no mundo contemporâneo. A história mostra que os efeitos do contexto atual, mesmo que sempre imprevisíveis, ainda serão sentidos por longo período. Com efeito, desdobramentos das movimentações no tabuleiro global indicam que a reflexão sobre a arte no continente começa a ganhar protagonismo, promovendo novas injunções no território, mas também nos centros transnacionais de difusão da arte contemporânea.

Em 2025, Cecília Fajardo Hill foi co-chair da edição do Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA) em São Francisco, *Poner el cuerpo en Latinx América*. No discurso de abertura do evento, a pesquisadora e curadora de exposições chamou a atenção para o destaque dado à arte na formulação daquela edição. Segundo Fajardo Hill, embora tenham sempre sido organizados painéis e importantes conferências sobre o assunto em edições anteriores, era a primeira vez que a arte se tornava o centro do encontro. Após relembrar as recentes rupturas na condução de políticas migratórias nos Estados Unidos que impediram a participação de conferencistas do Chile e Colômbia no evento, ela chamava a atenção para os tempos difíceis vivenciados pela comunidade latina no país, mas também para o lugar da arte como modo de dar sentido e intervir no mundo, seu papel nos discursos de resistência

e na conformação de identidades interseccionais^{1.)}. De fato, a arte latina começa a receber destaque em instituições estadunidenses como categoria importante para o agenciamento de visões de mundo alternativas. Sem querer esgotar o tema, valeria chamar a atenção para a recente organização de mostras dedicadas a artistas latino-americanos no país. Em 2025, Wilfredo Lam foi tema de grande retrospectiva no MoMA nova-iorquino^{2.)}, não muito longe dali, Hélio Oiticica ocupa atualmente as salas da fundação DIA^{3.)}, no Brooklin. Segundo Veronica Esposito, colunista do jornal The Guardian, a feira de Arte Miami Basel 2025 deu amplo destaque à produção do continente^{4.)}.

No Brasil, vale chamar a atenção para o destaque dado à arte do continente na Bienal de São Paulo de 2025. Dos 125 participantes, 25% são sul-americanos. Ao lado de artistas africanos, foi o grupo com maior contingente de obras apresentadas na exposição organizada por Bonaventure Soh Bejeng Ndikung^{5.)}. Também em São Paulo, em dezembro de 2025, o CCBB inaugurou retrospectiva de Torres Garcia. Em Minas Gerais, o Instituto Inhotim, abriu na galeria de Claudia Andujar, exposição coletiva que reúne obras de artistas indígenas sul-americanos, explorando temas de preservação cultural e território^{6.)}. Na galeria Lago, o Instituto inaugurou ainda exposição do artista guatemalteco, Edgar Calel, que apresenta obras comissionadas inspiradas em suas vivências e na cosmovisão Kaqchikel-Maia^{7.)}. Novos debates e perspectivas parecem vir sendo, portanto, configurados. O presente dossiê tem a expectativa de contribuir para que novos vínculos possam ser estabelecidos e a experiência possa ser elaborada coletivamente. Boa leitura!

1.) LASA2025 Welcome Ceremony. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SR0KxZHoO4k>

2.) Wilfredo Lam: When I Don't Sleep, I Dream | MoMA. <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/5788>. Consultado em 05 de dezembro de 2025

3.) Hélio Oiticica | Exhibitions & Projects | Exhibitions | Dia. Disponível em: <https://www.diaart.org/exhibition/exhibitions-projects/helio-oiticica-exhibition>

4.) Art Basel Miami 2025: Latin American artists take center stage . Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2025/dec/04/art-basel-miami-2025-latin-american-artists>

5.) Bienal de São Paulo 2025 mira na África e América do Sul - 10/06/2025 - Ilustrada - Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/06/bienal-de-sao-paulo-tera-prevalencia-de-artistas-da-africa-e-da-america-do-sul.shtml>

6.) Maxita Yano - Inhotim. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/eventos/maxita-yano/>

7.) Edgar Calel, "Ru Jub'ulik Achik' – Aromas de um sonho" - Inhotim. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/eventos/edgar-calel-ru-jubulik-achik-aromas-de-um-sonho/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bueno, M. L., Vasconcelos, M. R., & Sant'Anna, S. P. (2024). Debates entre sociologia e história da arte: América do Sul e Brasil em perspectiva. *Revista Todas as Artes*, 7, 5–19. <https://doi.org/10.21747/21843805/tavespn3>
- Bueno, M. L. (2016). La condition d'artiste contemporain au Brésil. In A. Quemin & G. Villas Bôas (Eds.), *Art et société: Recherches récentes et regards croisés, Brésil/France*. OpenEdition Press.
- Bueno, M. L. (2025). Collectionneurs de l'art latino-américain: Bâtisseurs de la mémoire et de la valeur symbolique. Le cas de l'art brésilien dans les collections aux États-Unis au XXI^e siècle. In D. Castañer (Ed.), *Vers une histoire du marché de l'art de l'Amérique latine*. HiSCA.
- Couto, M. de F. M. (2012). Trânsitos entre arte e crítica na América Latina (1960–1970). *Arte & Ensaios*, 24, 97–105.
- Couto, M. de F. M. (2023). *A Bienal de São Paulo e a América Latina: Trânsito e tensões (anos 1950 e 1960)*. Editora da Unicamp.
- Feres Júnior, J. (2004). Spanish America as the other of America. *Lua Nova*, 62. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000200005>
- Morse, R. (1988). *O espelho de Próspero: Cultura e ideias nas Américas*. Companhia das Letras.
- Retamar, R. F. (1988). *Caliban e outros ensaios*. Busca Vida.
- Sant'Anna, S. P., & Vasconcelos, M. R. (2021). Do museu de reproduções ao Museu das Origens: Reflexões sobre projetos institucionais de Mário Pedrosa. *Sociologias Plurais*, 7(1). <https://doi.org/10.5380/sclplr.v7i1.79168>
- Ribeiro, A. M. M. (2011). Intelectuais no exílio: Onde é a minha casa? *Dimensões*, 26, 152–176. http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/artigo_intelectuaisnoexilio-3724742.pdf

Maria Lucia Bueno.

É Doutora em Ciências Sociais pelo IFCH-UNICAMP e professora nos Programas de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens e Ciências Sociais da UFJF. Juntamente com Ligia Dabul e Sabrina Parracho Sant'Anna, coordenou o GT de Sociologia da Arte da Sociedade Brasileira de Sociologia, SBS (2011-2024). E-mail: marialucia.bueno@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7594-5672

Sabrina Marques Parracho Sant'Anna.

É Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ (2008). Desde 2009, é docente da UFRRJ, onde atua como professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. E-mail: saparracho@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1726-2018

Marcelo Ribeiro Vasconcelos.

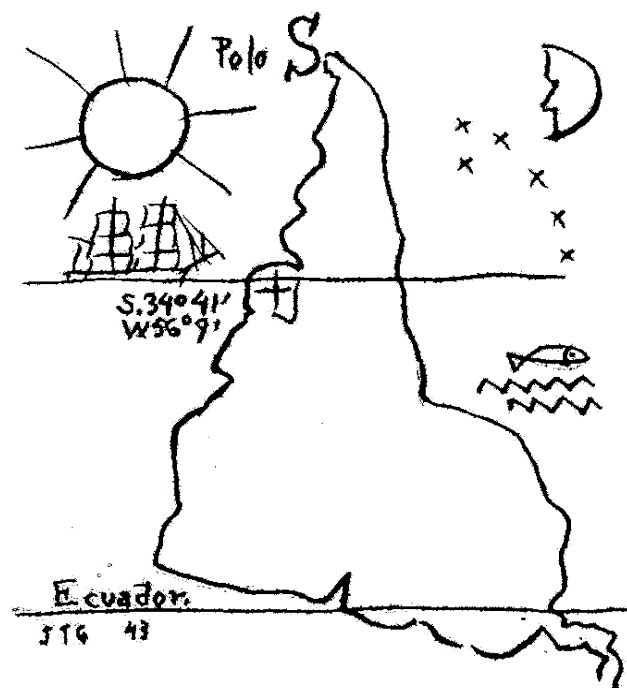
É Doutor em Sociologia pela UNICAMP, atua como pesquisador e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ribeirovasconcelos.m@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7817-9694

Receção: 10/11/2025

Aprovação: 28/12/2025

Citação:

Sant'Anna, S. M. P; Bueno, M. L & Vasconcelos, M. R. (2025). Debates entre Sociologia e História Da Arte – Brasil, América do Sul e Caribe em Perspectiva. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(3) Volume Especial, pp. 2-9 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8nespa1>



Debates entre Sociologia e História da Arte

América do Sul e Caribe em perspectiva



Organização

**Sabrina Parracho Sant'Anna
Maria Lúcia Bueno
Marcelo Ribeiro Vasconcelos**